



Memória não é passado



Há livros que não contam uma vida. Eles a devolvem ao mundo — como um sopro. Quase imperceptível, mas capaz de alterar o ar ao redor. É nesse território sutil, entre o vivido e o que ainda pulsa, que se inscreve *Um projeto nacionalista – Jacob Pinheiro Goldberg*, de Felipe Lott.

Não é uma biografia. É um livro que escuta o que a história tentou silenciar.

E talvez por isso me tocou tão fundo.

Ao acompanhar Jacob, não encontramos um personagem fechado, pronto para ser compreendido. Encontramos uma presença. Algo que atravessa o tempo e resiste à tentação de caber em definições, e Jacob é exatamente assim. Eu o conheço, de perto, há quase quatro décadas e posso dizer que poucas personalidades me encantaram tanto.

Felipe Lott escreve como quem se aproxima com respeito. Sem invadir. Sem domesticar. Há um cuidado

bonito com o não dito, com aquilo que escapa às palavras, mas sustenta tudo. Jacob não se oferece como figura concluída. Ele se move, hesita, resiste — e, nesse movimento, revela algo maior que si mesmo: a recusa de uma vida reduzida a fatos.

O livro é atravessado por uma inquietação silenciosa. Como se cada página soubesse que lembrar não é um gesto inocente. Lembrar é escolher o que não será perdido. E toda escolha tem ética. Tem peso. Tem consequência.

Ao revisitar os anos 1950 e 1960, o texto não nos conforta. Ele nos desloca. Apresenta um Brasil que pensava com densidade, com ambição de construção, com desejo de futuro. Um país que não cabia na superficialidade. E o que surge não é exatamente nostalgia, é uma melancolia lúcida. A sensação de que algo daquela intensidade ainda nos diz respeito.

Em certo ponto, sem aviso prévio, o livro muda de

eixo. Deixa de ser apenas sobre Jacob e passa a ser sobre nós. Sobre o que fomos capazes de imaginar. Sobre o que deixamos pelo caminho. Sobre aquilo que ainda vive em nós, mesmo sem nome.

A escrita de Lott não se impõe. Ela acompanha. Mas acompanha com precisão. E, nesse gesto, constrói algo raro: um texto que não fecha. Que não conclui. Que permanece aberto — como uma pergunta que não tem pressa de resposta.

Ler esse livro é aceitar esse desconforto fértil. É habitar, por um tempo, esse intervalo entre memória e possibilidade. É perceber que há histórias que não terminam — porque continuam agindo, silenciosamente, dentro da gente.

E talvez seja isso que mais importa.

Porque, no fim, não é só Jacob que se revela nessas páginas.

É a sensação de que o Brasil ainda está por acontecer.